



62

JULIENNE FETELANO

Natureza: Maria Helena Offner

1ª prêmio no Concurso de Curso de
Arte Dramática da Universidade de
Rio Grande do Sul.

Handwritten signature and date 1937.

CONTINUA:



Castanhos (telhada, porta e janela visíveis), cerca lateral de madeira, tábua curva, pilas-tapas sobre madeira recortada ou em fundo que possa ser retirado, giratória de grande porte.

(Helena e Joãozinho, de uniformes e porta, voltam do colégio)

HELENA - É você sem saber como jeito, não é? Onde é que já se viu? Em vez de me ensinar, já não é nenhum bobalhão! ...

JOÃOZINHO - (Arrependendo-lhe a voz) ... "já não é nenhum bobalhão"! É você, porque que é o "tal"? Só porque tira medalha como que pode ganhar eu não, é?

HELENA - Só porque tira medalha, não? Você mesmo queria. Eu fui mesmo a dizer ao chefe da distribuição de prémios: "Você devia ser como esse irmão! Você tem a sua parte em medalha! Por que não o segui?"

JOÃOZINHO - Ah, é? Então vou começar ... (Observando a batente) Primeira, por o meu para o alto; depois fazer care de convencido, de quem é "o maior" ...

HELENA - Olha aqui, seu bobalhão! É melhor convencido do que ter a espécie ridícula de Joãozinho "Fetelão", porque não há de usar com os outros!

Mãe - (Pondo o cabelo pela janela) Ih! Já chegaram brigando e já vão! Você não consegue ficar juntos, com dois irmãos, sem discutir e brigar!

HELENA - É que esta menina, por variar, ficou de castigo porque foi culpada de mais ...

Mãe - Por que, Joãozinho?

HELENA - (Respondendo por ele) - Porque pegou um pedaço de giz ...

JOÃOZINHO - Não era pedaço de giz! Era um fagete voador, com pegos bem finos, jato forte ...

HELENA - (Como se ele não estivesse falando) ... e jogou no ombro da professora que estava escrevendo no quadro ...

JOÃOZINHO - Não foi no ombro dela! Joguei no Galatão - aquela garrafa de vinho branco - mas deu para dela afastar pro lado pro ver o quadro bem na hora e o fagete ... zzzzzzzzz. acertou direto na professora!

ELI - Tem muita graça, não é? E ainda conta com essas caras! — devia ter vergonha, Jôãozinho! Quanto ao vou ao colégio ad — recebo queissas de você: que não pára quieto, que mora com todo mundo, que fala a tudo todo, que não dá mensagem deia minuziaçid mas acho mais cara de aparecer idi... —

ELIENE - Pois eu, pra compenhar, tivei lá lugar de novo ...

ELI - Está vendo Jôãozinho? Sua irmã ad me dá prazer! Você devia seguir o exemplo deia! Das você é o contrário! (Helena faz um gesto de quem diz: não!) Só três charveolamentos pra mim e pra sua pai! As vóias me dá vontade de pô-la no colégio interno! Eu vou falar com ... (Inda, estirando o ar) Ih, minha carne está queimando! (Entrando) Não trocando de roupa pra não sujar a uniform! Jôãozinho, quando seu pai chegar você vai ver!

(Helena entra, vitoriosa. Jôãozinho segue atrás de ela, batendo na batente da porta)

JÔÃOZINHO - (Revolta) — Ahn ... "Seguir o exemplo" ... Eu não sou vagão de trem pra andar seguindo os outros!... Eu sou eu e não é eles!... Mas de pensar que todo mundo é igual, que eu tem que fazer as coisas que o outro faz! Agora deu pra dizer que vai me mandar pro colégio interno! Então é que não gosto mais de mim (Comovendo-se), que não se incomoda que eu vá pra longe! Lá vontade de andar logo, ir pra um lugar — ou que ninguém fique me chamando de "Patoleiro" e lá ...

(Interrompe-se um grito vindo do fundo da platéia)

DOCTOR RICHARDS - Ah! Deve ser aqui ...

(Doctor Richards: enleste no alto, guarda o pé esquerdo, estelias revoltas, fuzilas — no ponto de mira, ar de cientista que vive no mundo da lua.)

DOCTOR RICHARDS - Deve ser aqui mesmo! Vejamos: (Vai andando para o palco enquanto consulta relógio) o ponto exato é o 1º de latitude e sobre a cartilagem que passa pela cidade de — Canga grossa. Se meus educador está certos, então estamos a — alguns passos do local exato!

[Vai saindo para o palco, passando ao lado de Jafaninha, que se levanta com o grito, 'sem vê-la.')

JAFANINHA - Quem é essa?...!

[Intrigada, começa a segui-la na porta das portas.]

[O diretor, ainda olhando a televisão, pára de repente e Jafaninha encara-se com ele]

DOUTOR NUNES - Oh! Perdão, cara jovem! É aqui que é aqui?

JAFANINHA - Lá, aqui ou pode ser aqui! Queris que aqui fique lá? (de lado) Esse sujeito é doído!

DOUTOR NUNES - De aqui far aqui, então estas as lugar em que crescem os "Pileolotropus elegantes" que sergariam de lápis muito experientes?

JAFANINHA - Heint?... É algum bicho que o senhor está procurando, é?

DOUTOR NUNES - Bicho? Oh, não!... (de lado) Requeria-se que este-va lidando com um ignorante!..

JAFANINHA - (de lado) - Pronto! Lá vai mais um pra se esgarilhar!

DOUTOR NUNES - ("desvalor") - "Pileolotropus elegantes" é o nome de uma qualidade especial daquilo que a vulgo chama de "girasolito". Girasolito, sabe o que é?

JAFANINHA - Ah! Falando com gente é lógico que sei. Na escola como sempre tem uma porção!

DOUTOR NUNES - (Anedoto) - De sua casa! ... E onde é sua casa?

JAFANINHA - Ah!

DOUTOR NUNES - Maravilhoso!! É, diga-me, esse menino, com toda a razão, e tem graduação, de altura média de uma pessoa?

JAFANINHA - Não! É não?

DOUTOR NUNES - [Cedendo de joelhos e abrindo o braço] - Ma-ra-vi-lho-sa! Ele comprou o direito de ser de todo uma existência consagrada à pesquisa científica! Será freguês! Ficará imortal! De agora venerará minha glória e os homens venerarão seu nome com respeito e amor!

JAFANINHA - (de lado) - Oh! Sempre ouvi dizer que doído é que tem mais de ser Napoleão do que de ser o tal! (Para ele). Sory te aqui quer se dizer pra que essa senhorela todo por causa de um girasolito que ninguém liga e que crescem g...!

três de cerca que ~~tem~~ estão? Ainda não pô pessoas até eu mandar cartões

DR. ALVARO - (Espantado-se e ligando a guarda-chuva com ar de desprazer e indignação) - Certo!.. Oh, ignorância vulgar!

JOÃOINHO - Sei, vouo parar por aí! Eu chamo de ignorante, até lá! Mas ainda não, não!

DR. ALVARO - Certo, jovem. Não quis ofender. Vou lhe explicar. É que a pólen dessas plantas... pólen é aquela poeira que sai da flor...

JOÃOINHO - Ora, isso eu sei ... Não sabe!

DR. ALVARO - A pólen dessas plantas tem propriedades especiais e a distância a um preparado por mim investigo e que frago eu vi que pólen pode tornar qualquer coisa invisível!

JOÃOINHO - Não? Tornar invisível? Mas invisível não quer dizer "que ninguém vê?"

DR. ALVARO - Naturalmente!

JOÃOINHO - E como é que uma coisa pode ficar invisível, assim assim de vista de gente?

DR. ALVARO - Simples! Não ad vamo os objetos por causa de sua cor. A diluição instantânea de propriedade física que permite aos objetos descobrirem determinadas condições das cores solares...

JOÃOINHO - Ih, doutor, obrigado já vi que não sou entender nada agora... Eu sei o que é.

DR. ALVARO - Então vouo apenar um pouco de pólen de "Filicentury per oleaginosa".

JOÃOINHO - Já não!

(O doutor procura a seguir, vinda os girassóis, inclina-se sobre a varca e finge apenar algo na flor. Levanta-se um gesto - Ah! - que nenhuma das delas parece perceber.)

DR. ALVARO - (Vendo) - Pronto! Aqui está!.. Agora... (Abre a maleta e tira um vidro e um tubo de ensaio enfeitado falso) É ad misturar em pequena dose, umas 3 gotas... (Coloca algo no tubo) ... derramar o preparado no vidro (O vidro deve agitar qualquer resíduo que desprenda vapores amarelados) ... e pronto!

(Joãozinho recua ao ver os vapores)

JOÃOINHO - (de joelhos) - Será que este homem é algum bruxo?

DR. RICHARD - (Para si) - Quantos benefícios esta pobre criança... a polívia poderia prender benéficos sem que eles possam reagir! A malícia terá sempre modo de agir! É como as hormônios de vi-
ra e presente no sante dos homens e figura das coisas da guer-
ra que impedem as más ações! (Colando o tubo contra a sua)
fronte, mas esquisitas: Vamos experimentar: Dê-me algo!

(Joãozinho tira de bolso vários co-
lches, de mais variados e inespera-
dos, com contornos curtos em todos
de maneira desta idade. Semelhante um,
não muito mais, um tempo em todo,
por ele... e entregou ao doutor.)

DR. RICHARD - (Tomando o objeto) - Derreta-se o líquido num recipi-
ente... Você tem algum prato ou bacia?

JOÃOINHO - Espere aí:

(Retira de uma gavetinha pequena e
vem de mão.)

MIS - Senhor! Você ainda está de uniforme! Vai mudar de roupa!

(Ele volta com um prato na mão)

DR. RICHARD - (Que fixa o olhar e reagiu ao tubo) - Ótimo! O-
ra eu sinto, derreta-se o líquido num recipiente... assim ...
Derreta-se o objeto e ... (Deixa o objeto sobre o prato, mas
finge erguê-lo nas mãos)

JOÃOINHO - (Colando, esfregando) - Senhor:

DR. RICHARD - Vá agora?

JOÃOINHO - Não! Senhor, na minha frente! Quero investigar, dr

DR. RICHARD - (Abre com as mãos as mesmas posições) - Toga-se! En-
ta eu sinto melhor! Basta para as coisas, mas você pode senti-
la com a mão.

(Joãozinho faz gesto de quem apalpa
o objeto e suspira)

JOÃOINHO - É mesmo! Está aqui mas é legal! Para!

(Durante esta ditosa cena aparece
no proscênio dois homens, que fi-
cam observando a cena.)

DOCTOR NUNCA - A inteligência de homem das maravilhas, não raro !
Com vontade, esforço e estudo o homem inventa quase tudo !
que existe!

JOSEPHINE - ...E ... esse negócio de estudo é que atrapalha tudo...
Mas até que eu gostaria de estudar as vitruvianas cientistas, mas
que fosse alguma também... In! Desculpe, falei sem querer...

DOCTOR NUNCA - Ah! foi mal.... Também não se apresentei antes: - (
Correndo-se) Doutor Alfredo Nunga, de suas ordens.

JOSEPHINE - (Correndo-se também) - Jefferinho Patience...

(Os homens de fora da cortina)

LE BASTIDE - Doutor Nunga! E ele mesmo!

LE BASTIDE - Então aquilo que ele fez não foi nada! Ele já desma-
nha a fórmula da invencibilidade! Vá...!

LE BASTIDE - Rapaz! afanado! pode por toda a periferia! Não se apressar
em especificidade e pagar o doutor e a cidade!

DOCTOR NUNCA - (Continuando algo que disse) ... e se você não !
convencer ainda descoberto. Com certa perigos ficar encon-
do por af dos meus olhos, vou deixá-lo com você.

JOSEPHINE - Pode deixar. Já tem conta.

DOCTOR NUNCA - Ah não deixa muito. (Sai).

(Jefferinho senta-se ao lado de ma-
terial, de costas para o lado em
que estão os homens)

JOSEPHINE - Puxa! Já pensa que grande... Fazer entrar os alunos....
(Imaginando) Hummmmm...! Queris af ver a cara de quando
os outros....(Pausa) Não que cores para uma também?

(Os dois homens, já entre já, aparecem
na porta por trás)

JOSEPHINE - Ficar invisível! Seria ótimo, af para dar um jeito nos
olhos...as distâncias... em Nunga... Ah! não que não aca-
dê em Nunga... Ah ...

(O homem espreita a mãe para a mala, Joffrei
está ao lado d'ella recostado)

MOROSINHO - Fazer por falar as fantasmas tive até a impressão de
ter um chefe de sala... É melhor ir para dentro...

(Desce e apertar os cordões e fecha a mala.
O homem recua para junto do outro)

LE FLORE - Michalel Vai pra dentro de casa e lá vai ser mais diffe-
cil pegá-lo! (Desce)

(Joffreiinho, que parara com a mãe de quando
nas mãos)

JOFFREI - E se eu tivesse isso a ficaria invisível... Fingida ig-
ual pra mim... É como se fingida as viúvas, como se eu fosse
invisível mesmo... até mesmo quer me ver longe... Então vou
sumir! Pronto! Vou apertar mais pólen e preparar as pedras de
afegão para mim...

(Aperta o pólen - gentio. Fecha a mala
e entra na casa).

CORTA DE LUM.

AO RECORRER A LUM

Os girassóis pintados foram substituídos
por figuras humanas que devem ser a re-
produção exata das características corporais e
pequenos vestidos de malha verde; folhas
presas aos braços; rosto negro claro e,
em torno do rosto, as pétalas amarelas.
Ao começar o segundo ato, estão na mesma
posição de primeira; depois começa a se
ver-las e falar.

LE GIRASSOL - E até agora estão com o nariz doado por meus dedos
de dentro sabem que vão respá-lo firoz todo e ainda não
qualquer!

DE GIRASSOL - Mas depois d'os beijos que fico te mostrando com
te lembrando!

1º SIRASOL - (Soprassuando-se) Ah... Então tá comendo... Não :
 se olhar tão grande ... Será que o Senhor Vento não vai pes-
 sar por aqui hoje? E tá gostando quando ele chega soprando ,
 trazendo aquela fresquidão bom...

1º SIRASOL - Eu prefiro Dama Corvo... Quando ele chega tá comendo
 e começa a jogar aquela chuvazinha na cabeça da gente, eu !
 levanto os braços (Santos) e deixo molhar a testa até ele fi-
 car cheio de gotinhas d'água...

2º SIRASOL - E, mas de vê-lo ele vem furioso e chega a dar :
 lambada de água na gente!...

1º SIRASOL - Ah, mas isso é quando Dama Ventania vem soprando...
 O Ventania é que é um bocado bruto! Não sei como pode ser
 mãe de uma menina tão gentil como a Floris...

FOI DE JOÃOINHO - Coramba! Será que estão ficando melanc? Flores
 conversando!

1º SIRASOL - Espé! Você conhece alguma coisa?

1º SIRASOL - Será a voz de Joãozinho (Procurando) mas ele não está
 aqui...

1º SIRASOL - (Que já tinha corrido a insubiliar-se de novo atrás :
 da cerca) - Já tá correndo para o meu lugar! Não gosto :
 de gente. Então eu não, por brincadeira...

2º SIRASOL - Quando não correres do lugar para espiar em algum jog
 no...

1º SIRASOL - Pôxa! Você está sempre de mau humor... Pôxa eu :
 que gostaria de ser uma florzinha pequena e ir espreitar :
 o jarro de alguma casa... Floris lá dentro, vendo o que se pas-
 sava lá dentro... tá tão agradável!

2º SIRASOL - Humm... É o mesmo que eu vou... tá fazendo bobagens...

(Corre-se para a flor e flores correm)

SIRASOL - Vou gostar!

(Entre os sujeitos de chapéu, conversan-
 do. Corre-se a voz de Joãozinho)

JOÃOINHO - É agora que eu vou me divertir!

1º SIRASOL - Ah... (Soprando-se)
 um vento bom...

2º SIRASOL - (Soprando-se)
 um vento bom...

1º SIRASOL - (Soprando-se)
 um vento bom...

2º SIRASOL - (Soprando-se)
 um vento bom...

(O chapéu de boneca deve estar enfiado
 com um fio fino, que será puxado :
 de fora. Quando a boneca chegar ao meio da
 casa, puxá-la para que caia e, à medi-
 da que ela quiser ir apertá-lo, fustá-
 la com o seu nariz. Jogo de :
 casa)

acompanhada sempre da gargalhada de Jolencinho... E tomam água para todas as lavas, banho-de e sai correndo... As risadas permanecem. Os greguinhos, sem sair do lugar, contam a novidade?)

1.º GREGUINHO - Que será que foi?

2.º GREGUINHO - Assim que já sei... Não se lembra que Jolencinho lá tem ter aquela máquina para ficar satisfeito? Deve ter estado a fazer que ninguém pode mais vê-lo está fazendo das suas...

(Entra D. Eufrosina e Helena. A primeira é uma saltadeira vestida à antiga, segue-a, depois, vestida oculto e festivo, com longas mangas a ponta de um dedo deve estar preso ao modo que possa ser levantada ou puxada de trás)

Voz de Jolencinho - Que estranho é ver a directora e Helena. Agora é que esta volta ranciosa vai ver...

Mora Eufrosina - Pois é, Helena, vou contar a sua mãe que se João ficar mais uma, uma só, eu vou pedir a retirada dele da colégia!

Voz de Jolencinho - Minha linguagem! Cara de chacha de feijão!

Mora Eufrosina - Helena! Que é isso?

Helena - (Assustada) - Não há não disse nada, D. Eufrosina...

(A mãe é puxada)

Mora Eufrosina - Helena! Que é isto? Está ficando doente? largue-me!

Helena - Mãe... eu não fiz nada;

Mora Eufrosina - Com mãe?... Pois eu acho sei... ah!

(Como se lhe fizessem alusão, querendo falar e ao mesmo tempo não - dando-se a rinda)

Mora Eufrosina - ah! Helena, pare, pare! ah... ah... ah... Você vai ver! ah...

Helena - (Recuando para longe) - Mãe não sou eu! Eu não sei o que eu estou acontecendo!

Voz de Jolencinho - Não eu, brava velha!

Mora Eufrosina - Helena, se ajuda! Tem uma coisa aqui me fazendo cárgua... ah...

(Salta sobre o guarda-lua, mas ela corrige a posição.)

ELIANA - Não consegue, dona Madressinha!

DONA MADRESSINHA - (Indiretamente a menina e ao duque, já quase sufocada) - Este jogar está mal encenado... Eu... Eu vou ajudar a policiar! (Sei encenando-se).

ELIANA - (Of, rindo) - Ah que foi engraçado ver essa a velha se encobrir toda... Bem feito! Espulsa o Joãozinho do colégio... Essa também não!

ELA E JOÃOZINHO - E...? Mas você é a primeira a viver fazendo "questas de mind"!

ELIANA - Pra ver se você não jacta! (Preocupada) Já pensei se ela espulsa você do colégio?

ELA E JOÃOZINHO - E se fico no comando de Petalisco... É excitante essas metralhas e essas prisioneiras...

ELIANA - Mas não era melhor tirar metralha na rua de pagar bater os seus por causa de suas metralhas? Se ela agora te espulsa, então...! Of, mas... onde é que você está?

ELA E JOÃOZINHO - Aqui!

ELIANA - Aqui, onde? Joãozinho, não vai dizer que foi você que se encobriu e fez a velha...

ELA E JOÃOZINHO - Não esqueci nada! Estou aqui a seu lado, sua velha!

ELIANA - (Fala como se tivesse sido tocada) Ah... Onde, Joãozinho?

ELA E JOÃOZINHO - Aqui, oíhe!

ELIANA - (Para João) - Meu Deus! Joãozinho... vires fantasma! E aí não! Não! Não! (Entre correndo).

ELA E JOÃOZINHO - (Rendo) - Ah, ah, vivia dizendo que não acreditava no fantasma!

(Aí se encontra de novo com Eliana, e tem uma ideia de apertar que ela dá de a jogar sobre a cabeça)

ELA - Você está é enloucado...

ELIANA - (Impressionada) - Não, não... Eu não sou, tenho certeza que ela falou contigo!

ELA - Inaproveitável!

ELIANA - E se ela ... E se ela morreu, não? A senhora disse ontem que ela ia ser mandada pro colégio interno! E depois disso ela não aparece mais!

ELA - Deve ter ido pra casa de sua mãe... oua costume. Hoje é sábado, não há sala. Ela sempre vai cedo pra brincar.

(Entra D. Rufresina, a mulher do chefe, um detetive de polícia rígido, seco, lento, livro na mão e dois policiais)

DONA RUFRESINA - Foi aqui, Sr. Detetive... Aqui mesmo!

DETECTIVE - Chegou também... Arrastaram-se a chafariz e foram viradas ... Como lhe disse...

DETECTIVE - (Sem se descurar) - Não se preocupem! Não se preocupem! Eu, apalmeiros desolados agarrados de Silva, jamais falarei de novo... (Mostrando o livro) Pretendo tirar impressões digitais... (Se entra e observa a sala cheia de livros) Impressões digitais! Muito bem! Mas... (Para quem se vem da casa, indolente) Mas impressões digitais de quem?

FOI - Nenhum!

DETECTIVE - (Voltando-se para o homem) - Quem? Mas por que se vem?

FOI - Eu não disse nada...

DETECTIVE - (Ap. de trás) - Não! Foi quem se veio aqui que foi o tal "fantasma"... (Sem gosto de falar, começa-se como se tivesse levado uma palada. A figura mais profunda dele é D. Rufresina, para quem ele se volta, irritado).

DETECTIVE - Nenhum motivo, os seus livros estão brandidos não dizem nada! Não incomodam, senhor!

DONA RUFRESINA - (Chocada) - Oh... Mas o Sr. senhor! Fique sabendo que eu sou uma senhora e que, apesar de não ter muita idade, jamais me permitiria tomar liberdades com um cavalheiro! Não se pode porque não sou uma senhora que não por de (desaparece) o Sr. Sr. Policial (Que é a mais profunda) Eu não sei!

POLICIAL - Não... Está sabendo? Quem gosta de ver o seu livro exposto pra frente e virar-se para o homem, para dele). O Sr. está preso por desrespeito à autoridade!

FOI - (Indolente) O fantasma...! Deve ser ele, o fantasma!

(Entra Don Manuel)

OUTRO POLICIAL - É melhor fugir!

DONA RUFRESINA - É melhor!

(Sem conversa precipitadamente e um barulho, aturidos. Silêncio e a mão que observamos a casa intrigada. Então detém-se, mas não expulsa pelos outros no corredor. O detetive grita e pede calma, mas age como se tivesse sendo expulso até chegar à casa de D. Rufresina, aturando-se a ela, que volta ao "foi", indolente ao

doucos, mas ao virar-se para sair, olha
 ce-cs novamente com o homem, etc. O
 fim, com apanhada, de confusão e
 conversa).

DEUTERVO - (Entroforido, já quase saindo de casa) - Ah... eu não entou
 com nada, não!... Vou apenas... buscar reforços!

(Os outros ficam, atônitos, atrás dele)

ALF - O que será que está acontecendo?... Helena, vá procurar João! -
 Não! Vou esperar aqui para ver o que está

(Helena, sem para mais nada, dizendo a
 casa toda. De giratória retórica e
 sua conversa.)

1º CENÁRIO - Não - não

2º CENÁRIO - Não que estava enfiado à base! A cara de velho, os
 movimentos todos (lento) Ah, ah, ah...

3º CENÁRIO - Não é que o menino está tão feliz assim!

4º CENÁRIO - E... mas já passou os dias não ficou mais vivo! de co-
 ra? De não ficar assim, feito fantasma, pro resto da vida!

VOZ - Ficar tão feliz pro resto da vida?...
 Não!

1º CENÁRIO - Não horrível!

VOZ DE JOÃO - Não que...?

DEUTERVO - (Entroforido) - Não, já não se pode mais!

(Faz o não)

ALF - (Alto) - E se agora estão assim assim! Será que aconteceu al-
 guns coisa com este menino? Já não tem mais nada? Já não
 esqueceu de tudo? Já não se esqueceu de tudo? Já não se esqueceu de tudo?
 Já não se esqueceu de tudo? Já não se esqueceu de tudo?

PAI - Não... não... Joãozinho é louco, mas é um bom menino. Não
 faria nada de mal...

ALF - Não... e se aconteceu alguma coisa com ele?

PAI - Não aconteceu nada, não!

ALF - Não sei... Tanto mais... Não tudo não esqueceu!

ALF - (Entrando, atônito) - Preciso por toda parte ... ninguém
 viu Joãozinho... Não sei o que ... Não sei o que ... Não sei o que ...
 e não se esqueceu nada... Não sei o que ...

ALF - (Entrando) - Não sei o que está acontecendo! Não sei o que está
 acontecendo! Não sei o que está acontecendo!

PAI - (Entrando) - Não sei o que está acontecendo. Não sei o que está
 acontecendo.

ALF - Não sei o que está acontecendo?

PAI - Não!

ALF.

VOZ DE JOÃO - Não, não sei...

ALF - Não sei o que está acontecendo... Não sei o que está acontecendo!

Voz de JOÃOINHO - Mas eu estou aqui... e sou lábio...

Mãe - Fica até acordando a voz - Não...

Mãe - (Chorando) - Minha Deus Senhora! Fazer que eu este com o filho não sei viver sem ele! Eu prometo que não brigo mais com ele! Prometo ter paciência!... Prometo...

Voz de JOÃOINHO - (Chorando) - Mãe!...

Mãe - Não pare de ouvir a voz dele no momento... É melhor ir ligar na calçada enquanto espero a polícia e João chegar à cidade com Helena... (Entra).

Voz de JOÃOINHO - E agora...! Ora que é que fui inventar de ficar invisível? E se não conseguir não ficar visível de novo? E se ficar a vida toda sem meu pai e minha mãe? Deus, o que é que eu vou fazer?

(Corta de luz. Se desce o telão)

(Os girassóis novamente não andam. Roberto sobre o cercos, ainda. João ainda deve estar atrás dele para preparar o que se segue. Bandidos em ag. sa.)

1º BANDIDO - Já prometer por toda parte e mesmo deve ter começado a matar em algum canto!

2º BANDIDO - Não podemos ficar muito tempo lá dentro! A mãe dele está desolada por causa do calcanhar que tomou, mas pode acordar e atacar alguma.

1º BANDIDO - Cada um que aquele diabinho meteu a matar?

Voz de JOÃOINHO - Distinção, é? Já estou dentro de tudo e agora vou vir!

2º BANDIDO - Ah!

1º BANDIDO - Que foi?

2º BANDIDO - Levei um tapa!

1º BANDIDO - Ah! (pula) Então os dois caíram?

2º BANDIDO - Deve ser o mesmo! Vamos pagá-lo!

(Fazem gestos de quem quer agarrar algo em torno, mas só se aborrecem e pulam, como que agredidos.)

Voz de JOÃOINHO - Meu pai já deve estar chegando com a polícia, e aí vocês vão ver!

(Entra o deus, mais distraído, falando sozinho. Os bandidos se largam sobre ele.)

ROBERTO - Ah...! ? Quem são vocês?

1º BANDIDO - Sou de quadrilha de Al Capa e a queremos com você!...

1º POLICIAL - Afinal, quem é que não levou que prendeu?

SAVINO - Ele!

DOCTOR ALVARO - Ele!

DETECTIVE - (atordado) Cientista...? Quem é cientista aqui?

DOCTOR ALVARO - Eu, sou o Dr. Hendric Nicença, cientista. Estes dois são elementos perigosos, da quadrilha de Al Capote e querem roubar uma fórmula que inventei para...

DETECTIVE - (Interrompe-o, desconfiado) - Da quadrilha de Al Capote, que há tanto tempo se desfilou DEU... (Para eles). Vão-se para casa que alguma empresa imobiliária vendendo apartamentos de Silver Soldiers, precisam desses dois!

(Os dois tentam fugir, fogem em um carro - carro, do qual o detetive se mantém sempre cautelosamente distante, mas não consegue).

DETECTIVE - Da quadrilha de Al Capote! Fugiu... Seria possível! E todos lembram o heróico com que se desfilou com os bandoleiros, lutando com eles, sem medo!

(Neste momento um dos bandoleiros dá um pulo para tentar livrar-se e ele corre rápido, assustado).

DETECTIVE - Segurem-se bem! (Certificando-se de que está seguro, volta-se para o detetive, ao mesmo tempo - Detetive, quebra um "bandoleiro" de um momento à delegacia para prestar um depoimento, a fim de conservá-lo definitivamente estes dois indivíduos de ordem e de moralidade pública!

DOCTOR ALVARO - Pode não...

1º DE JORNALISMO - E eu...? Neste momento a detetive levanta o doutor e os seus perguntas quem é que fez por ser vítima de novo! O melhor é ir também até a delegacia!

(Neste momento entra uma mulher, de vestida de levigação ou masculina, com olhar, com adorno ou fantasia, mas com certa quantidade de espírito. Ela é "fada", embora sua presença lembrasse talvez um. Ao entrar, Jellensão está dizendo ao di-
tando palavras e ela faz um gesto de quem é interrompida por alguma. A seguir, "segurem-se" pelas portas).

DOCTOR - Certo, Jellensão. Onde é que você vai tão apressado? Quem se apressa...

1º DE JORNALISMO - Vou à delegacia para... Não! Quem é que a pro, su-

de que sou eu, se não está se vendendo?

MOÇA - (Uma ar de riso) - É quem disse que não estou vendendo você?
Vai lá JOÃOZINHO - Porque estas coisas são...

MOÇA - Não para mim, que vejo todas as coisas.

MOI DE JOÃOZINHO - (Abre a boca) - Ah!... Então... Pensei! Repare! Vi
isto que me venderei! Eu tinha pouco líquido e não deu para
colher minha roupa! Eu tenho que vender alguma coisa pra me
cobrir... Ah! Isto serve!

(O cobertor está de qual Joãozinho en-
trou na realidade é por este segundo, fog
como um "bicho"):

MOÇA - Não se afie, Joãozinho... O líquido que você tinha se foi
afaste durante 12 horas, isto é, metade de um dia. Dentro
de alguns minutos você estará visível de novo.

MOI DE JOÃOZINHO - Ah! que bom!... Mas... mas que estou com

MOÇA - (Rindo) - Não é nada, mas se quiser eu vou buscar sua
roupa.

(Entra em casa. Depois de um pouco, o
cabeço de Joãozinho está aparecendo por
cima do cobertor.)

JOÃOZINHO - Será que eu estou mesmo ficando visível de novo? (Pa-
ra a própria) - Não, você só, então me venda! (Resposta)
Pensei! Não é verdade!

(A moça retorna e dá-lhe a roupa por cima
do cobertor).

JOÃOZINHO - Mas por que a senhora só todas as coisas? É tudo, é?

MOÇA - Não. Mas como é verdade.

JOÃOZINHO - Então é professora?

MOÇA - Também não. Apenas dentro de pessoas que se cobrem com
importantes com sempre não eu que a gente só e sim a que é
está atrás e as coisas não mudam...

JOÃOZINHO - Pensei. É verdade, é isto mesmo!

TEATRO - ... mas que a gente percebe quando procura ver com as
coisas de corações!

JOÃOZINHO - (Aparecendo). É isso, não que sempre acontece isso
mesmo? É tanta coisa que não consigo mais! É plantar sem-
pre, não, se acontece que não gosto...

(Aproxima-se dele para olhá-lo de novo)

TEATRO - Mas você já tinha aprendido as suas coisas de Deus? -
mentes gerais que se plantam lá vida, que respiram...

JOSÉFINHO - Mas, mas a ora, agora, af a gente af sempre para fazer prova e sem presta atenção direita... (Destacando) Quando eu viro do colégio, lá vêsse, vindo arrastando calças pela ruainho e jogando no chão, lá toa, lá toa... E elas af ficavam piadões... Sabem bem que diria...

(Helena surge em face de luz e atty de DIFFERENÇA das anteriores, atira, marcando 4 NOVA VIOLÊNCIA de guerra. Ele fala olhando para ela)

JOSÉFINHO - Helena... lá era só que Helena é muito mais forte nervosa, quase chorando, quando eu via... (Destacando) Ela pensou que ela não gostava de ela... Viviu implorando com ela...

TEREZA - Mas depois, eu vou de olhar af a que estava diante do marinho você sentia e chorando dela, inevitável, atrás de que ela fez...

JOSÉFINHO - Foi mesmo... Fiquei até espantado... (Pausa) Então não também, a ora, sobre aquela negação de colégio interno era af tapado... É porque ela... porque ela... (Desaguar, olhando a NOVA IMAGEM de mãe, de outro lado) tem medo ... (tentando elaborar sua idéia, como para si mesmo). Eu descobri que colos grandes gente grande também tem medo ... Eu achava que af quando a gente é pequena é que tem medo, de escuro, de brincar, de uma peça de roupa e pensava que gente grande nunca tinha medo, nunca tinha e não tinha medo de nada... Mas quando acontece uma coisa que elas não sabem explicar, como a meu caso...

TEREZA - ... Elas também tem medo, chegou até a fazer bobagens, porque não sabem e que fazer e não querem admitir que estão com medo, não é?

JOSÉFINHO - É... (Encarando de repente). Bom, mas isso não é com todos... D. Rufrencia, aquela velha rancinosa, é af mesmo...

TEREZA - Tem certeza, Joséfinho? Ou vamos procurar e investigar mais? É se ela é assim porque tem medo...

JOSÉFINHO - Medo? De quê?... Af se for de ver a cara dela no espelho!

TEREZA - Não Joséfinho... Medo de que você descubra que ela não passa de uma pobre velha isolada, sem filhos, sem família, sem carinho... (Luzes de D. Rufrencia, dentro da nova descrição e visão). Que lá está, quando você está em casa, alegre, com seus pais, ela está em seu quarto sozinho, pensando ficar sozinha ou até morrer sem ninguém e para cuidar dela... Medo de que se ela não ficar aquela cara

feita, nunca veja que ela é uma mulher fraca, que não saberia o que fazer se toda a turma de sempre começasse a gritar ou fazer confusão... É uma infeliz que sofre porque ninguém gosta dela e só choram perto dela para fazer compaixão...

(O rosto de Joãozinho se descom-
trai pouco a pouco, enquanto Ter-
mino fala).

JOÃOZINHO - É D. Ferreira, a senhora gostou... (Pausa). Gostada
de verdade!

HELENA - E você verá muita coisa ruim, se aprender a olhar seg-
ure e insatisfeito, e que está aí fora e os olhos não vêm,
mas a cabeça percebe...

(A mãe aparece na porta).

MÃE - Joãozinho! (Corre e abraça-lo e beija-lo) Meu filho! Pen-
sei que não encontraria mais você!

JOÃOZINHO - (Desolado) - Eu nunca ficaria longe de você, mamãe...
... Eu sei que, mesmo que às vezes saia um pouco, você
gosta muito de mim.

(D. Ferreira se afasta para o lado
suavemente, como entrara, sem ser
notado).

HELENA - Hei!... Não parece a sua "Peteleza" falante...

(Entra o pai e Helena o corre e
abraça-lo).

HELENA - Joãozinho! Onde é que você esteve? Que foi que aconteceu?

JOÃOZINHO - Que me aconteceu? Nas porções de escola... É tanta
coisa que não conta...

HELENA - Onde? Você está diferente!

PAI - É mesmo? Qual é o seu segredo?

JOÃOZINHO - Meu segredo? É eu e D. Ferreira estamos... Ué, ou
já sei?

MÃE - Éa quem, Joãozinho?

JOÃOZINHO - Também está insatisfeito... Mas aprendi a que ela seg-
ure não olhar só com os olhos, ver também com o cora-
ção...

PAI - Éa... Você mudou muito, menino!

HELENA - (Para ele) - Qual será seu segredo?

JOÃOZINHO - (Para Helena) - Meu segredo... Eu sei... É mesmo
também sabem, não é?

MÃE - Então vamos esquecer tudo isso agora... e vamos jantar!

JOÃOZINHO - Vá, que eu estou com o coração... (Para Helena)